

A HISTÓRIA DE VIDA EM *ORDEM & PROGRESSO*

João Alfredo dos Anjos

Desde a publicação de *The Polish peasant in Europe and America* (1918-1920) por Thomas e Znaniecki e dos estudos realizados por Franz Boas com velhos caciques e pajés nos Estados Unidos, a História passou a contar com um novo universo de possibilidades na tentativa de construir o conhecimento do passado e do presente. A História Oral e, particularmente, a História de Vida, passariam a configurar mais uma arma à disposição do pesquisador, cujo objetivo seria construir o mosaico de relações sociais em dada sociedade em determinado tempo. A exclusividade de fontes formais e oficiais foi sempre uma condicionante do trabalho historiográfico, não permitindo a certos atores históricos espaço próprio. É neste sentido que Paul Thompson se refere à História do século passado como essencialmente política, baseada numa documentação “da luta pelo poder, onde pouca atenção mereceram as vidas das pessoas comuns”. O alerta dele refere-se ao fato de que muito pouca documentação relativa ao dia-a-dia de homens e mulheres das classes inferiores e médias havia sido preservada.¹

¹ THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio, Paz & Terra, 1992. pp. 22 e 23.

Hoje, com a dedicação de inúmeros acadêmicos aos problemas postos pelos novos caminhos da História, temos um Thompson, por exemplo, afirmando o fim da mão única entre História e comunidade como consequência das possibilidades interpretativas e plurais abertas pela História Oral.² No início do século, contudo, várias outras preocupações afligiram aqueles que se dedicavam à História Oral. Thomas e Znaniecki preocupavam-se, por exemplo, com o aspecto parcial da realidade que poderia ser abrangido pela pesquisa através desse novo ramo da História, assim como John Dollard, em seu *Criteria for the Life History* (1935), apontava para as limitações do subjetivismo do sujeito ou informante. O próprio Boas, por sua parte, mais se preocupou com os resultados objetivos de suas pesquisas do que com eventuais problemas conceituais relativos aos meios empregados.³

Estes problemas conceituais, alguns deles ainda não solucionados, levaram a crescente aperfeiçoamento das técnicas utilizadas pelos historiadores, notadamente a partir do final da Segunda Guerra Mundial, com a difusão de novas tecnologias, como o gravador portátil, que possibilitaram maior agilidade e precisão na apreensão da informação. Hoje, com o advento das filmadoras portáteis e a difusão do videocassete, surgem novas e insuspeitas formas de apreender a História, gerando, por um lado, novos problemas conceituais, por outro, desafios e soluções para antigos impasses metodológicos.

O emprego dos recursos oferecidos por este novo meio de obter fontes foi utilizado no Brasil, já na década de '30, por Gilberto Freyre, em *Casa-Grande & Senzala*, e por Florestan Fernandes na análise que fez da História de Vida de Tiago Marques Aipobureu, recolhida pelo professor Herbert Baldus, conquanto, em ambos os casos, o uso da História Oral tenha sido ainda bastante incipiente e pouco estrito metodologicamente.⁴ Já na década de '50 surgem estudos de Oracy Nogueira e Roger Bastide no sentido de sistematizar e apresentar a História Oral ao meio acadêmico brasileiro, ainda bastante

² THOMPSON, Paul. *op.cit.* p.44.

³ BOAS, Franz. *Race, Language and Culture*. (1942)

⁴ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio: Shmidt, 1933.

FERNANDES, Florestan. *Ensaio de Etnologia Brasileira*. São Paulo, 1937.

arredio à utilização dos recursos que propiciava a nova forma de fazer História.⁵ A História Oral era vista aí ainda como mera técnica, e não se vislumbrava o seu potencial como fonte direta da construção da narrativa histórica.

Atente-se, ainda, para o fato de que a partir dos anos '40 o avanço dos métodos estatísticos em ciências sociais era quase uma febre, irradiando-se da Escola de Chicago, com nomes como Ogburn liderando a cruzada pela exclusão de tudo que fosse pretensa imprecisão e subjetivismo nestas ciências. Seria a purificação e objetivação das humanidades pelos exercícios matemáticos.

ORDEM & PROGRESSO NA OBRA DE GILBERTO FREYRE

Em 1933, Gilberto Freyre lançava *Casa-Grande & Senzala*, o primeiro volume de uma trilogia que contaria ainda com *Sobrados & Mucambos* (1936) e finalmente *Ordem & Progresso* (1959). O conjunto, intitulado pelo autor de *Introdução à História da família patriarcal no Brasil*, é hoje considerado por diversos autores, a exemplo do historiador inglês Peter Burke, um precursor da *École des Annales*,⁶ ou do antropólogo Darcy Ribeiro, que escreveu prólogo à edição venezuelana de *Casa-Grande & Senzala*, onde apontava o marco que representa a obra freyriana, principalmente os dois primeiros tomos da referida *Introdução*, ou seja, *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados & Mucambos*.

Curiosamente, no intuito de desqualificar *Ordem & Progresso* como parte da trilogia, argumenta o professor Darcy Ribeiro que seria o último volume o pior deles por ter sido o autor excessivamente rígido no método empregado, ao contrário do que fez nas outras partes,

⁵ NOGUEIRA, Oracy. A História de Vida como técnica de pesquisa., *Sociologia*, São Paulo, v.XIV, n.1, março de 1952.

BASTIDE, Roger. Introdução a dois estudos sobre a técnica das Histórias de Vida. *Sociologia*, São Paulo, v.XV, n.1, março de 1953.

⁶ BURKE, Peter. *Entrevista ao Jornal do Brasil*, 14 de janeiro de 1995.

pois, ainda segundo Darcy Ribeiro, a informalidade fazia a virtude na obra de Freyre. É certa, em parte, a observação, pois *Ordem & Progresso* é o único dos três volumes que apresenta uma nota metodológica, no sentido do que recomendava Marc Bloch no seu *Métier d'Historien*, e é por esta exata razão que ele se destaca dos outros dois volumes. Será este volume o filho bastardo da trilogia, como quer Darcy Ribeiro?⁷

Jean Duvignaud se refere a uma “calorosa subjetividade” em *Ordem & Progresso*, e mais: “ (...) não se trata de chegar a concentrar numa idéia o *espírito de um povo* nem realizar aventurosas explorações do tipo das de Keyserling. Gilberto Freyre retoma o núcleo ideológico, que, na hora da Revolução[sic] de 1889 servirá de célula geradora e de justificativa política, filosófica, econômica, ao dinamismo de uma elite e de uma nação. O exame das mentalidades pós-coloniais, que se definem nessa hora pela *República* permite ver como, a partir dessa célula geradora, uma consciência específica desabrocha por indução e por sucessivas ampliações.”⁸

O fato, porém, é que o próprio Gilberto Freyre demonstra maior preocupação metodológica em *Ordem & Progresso*, apontando, anos mais tarde, a vinculação entre esta obra e os primeiros trabalhos que utilizaram efetivamente a História de Vida como fonte primária na pesquisa social. Referia-se à possibilidade de reunir biografias individuais e delas desdobrar biografias coletivas, sendo a História a reunião ou quintessência destas biografias. E, comparando *The Polish peasant* com *Ordem & Progresso*, diz : “Que é essa notável obra sociológica senão sociologia à base de autobiografias provocadas, reunidas e interpretadas? Obra num gênero que só teria, anos depois, obra rival na interpretação sociológica de quase duzentas autobiografias de sobreviventes da época de transição, no Brasil, entre trabalho escravo e trabalho livre, monarquia e república, que é o livro brasileiro *Ordem & Progresso*, já em língua inglesa com o título também de

⁷ RIBEIRO, Darcy. (*Prólogo à edição venezuelana de*) *Casa-Grande & Senzala*. Caracas: Ayacucho, 1977. *passim*. No mesmo sentido em *O Povo Brasileiro*, Rio: Cia. das Letras, 1995.

⁸ DUVIGNAUD, Jean. Gilberto Freyre, sociólogo humanista. In: *Gilberto Freyre na UnB*. Brasília: UnB, 1981. p. 71.

Order and Progress, e de muito maior repercussão na Europa – inclusive na República Democrática Alemã: testemunho do professor Cândido Mendes de Almeida, há pouco chegado dessa sob alguns aspectos insurgente Alemanha – do que no Brasil.”⁹ A História para Freyre seria o indutivismo levado às últimas conseqüências, na ânsia, nunca satisfeita, de apreender a totalidade das experiências humanas individuais. A influência de William Isaac Thomas sobre Freyre, apontada pelo Sociólogo Sebastião Vila Nova, em *Sociologias & Pós-sociologia em Gilberto Freyre* (1995), foi confessada pelo próprio Freyre em seu diário (1928): “(...) Thomas é para mim o maior – depois de Weber, é claro – dos sociólogos modernos (...)”¹⁰

Sem dúvida *Ordem & Progresso* não teve repercussão igual a dos dois outros volumes da trilogia. Apesar de ter sido a primeira obra a utilizar no Brasil, de modo sistemático e apurado, o método característico da História Oral. A professora Maria Isaura Pereira de Queiroz, quando realiza o apanhado histórico da utilização da História Oral e particularmente da História de Vida no Brasil, não se refere sequer uma única vez a Freyre, e assim também os demais estudiosos do mesmo campo.¹¹

A HISTÓRIA DE VIDA EM *ORDEM & PROGRESSO*

É, talvez, da leitura mais detida da nota metodológica de *Ordem & Progresso* que vá surgir o espanto em não poucos historiadores brasileiros. Aponta o autor, entre as fontes de que se valeu para a realização do estudo, as “autobiografias” de 183 brasileiros “dos dois sexos, das três raças e de suas várias nuances de mestiçagem; de profissões diversas; de condições sociais e intelectuais diferentes; de credos ou fé também diferentes.” E continua: “Essas autobiografias, difícilimas de recolher, foram provocadas. Mais do que isto: foram

⁹ FREYRE, Gilberto. *Insurgências e Ressurgências atuais*. Rio, Globo, 1983. p.53.

¹⁰ VILA NOVA, Sebastião. *Sociologias & Pós-sociologia em Gilberto Freyre. Algumas fontes e afinidades teóricas e metodológicas do seu pensamento*. Recife: Massangana, 1995. ver capítulo 3.

¹¹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: *Experimentos com História de Vida*. São Paulo: Vértice, 1988.

dirigidas. Dirigidas porque solicitou-se de cada autobiografado que, embora podendo-se expandir livremente naquelas reminiscências que fossem mais do seu gosto ou do seu agrado ou que lhe viessem espontaneamente à lembrança, respondesse a determinadas perguntas. Tais perguntas foram feitas a mais de mil brasileiros nascidos naquela época [1850-1900], com o fim de se conseguirem deles reações aos mesmos estímulos, informações sobre os mesmos assuntos, possíveis revelações de diferentes traumas ou euforias suscitadas pelos mesmos acontecimentos com repercussões diversas sobre indivíduos da mesma época e do mesmo país."¹²

Teve o pesquisador que se deter sobre problemas que vêm retendo a atenção de especialistas até hoje: a forma de tomar o depoimento, a recusa em dar depoimento por escrito (não era tão difundido o uso do gravador), o pedido de sigilo para as informações dadas e para a identidade do informante. No caso daqueles que não podiam ler nem escrever, tomou o autor pessoalmente o depoimento, transformando-se em um quase "sacerdote Católico".¹³

Dos mais de mil possíveis informantes, só 183 efetivamente corresponderam ao pedido do autor. Estes estão relacionados em capítulo próprio, antes do início do livro, com algumas informações biográficas e excertos dos depoimentos. Aparecem funcionários públicos, donas de casa, bacharéis em Direito, padres, professores, agricultores, proprietários de terra, empresários, militares, comerciantes, juizes, músicos, policiais, jornalistas, poetas, estudantes, agropecuaristas, ex-escravos, jogadoras de búzios, prostitutas.

Atentou o autor não apenas para a atividade exercida pelo informante, mas para aquilo que teria desejado ser. É o caso, por exemplo, de Antônio Costa Nogueira, nascido no interior de São Paulo em 1883, com curso primário e algo do secundário: foi agricultor, teria desejado ser engenheiro.¹⁴ Note-se neste caso, como se poderá

¹²FREYRE, Gilberto. *Ordem & Progresso*. Rio: José Olympio, 1959. p.XXVII.

¹³Ver exposição de Valentina da Rocha Lima. *Problemas metodológicos da História Oral*. Salvador, 1983.

¹⁴FREYRE, Gilberto. *op.cit.* XCIV.

apreender em outros, o interesse do autor em caracterizar o entrevistado não apenas pelo que ele era socialmente, mas também pelas suas expectativas, desejos e sonhos.

Relacionando a obra em suas raízes metodológicas, Gilberto Freyre tece comentários sobre as obras que lançaram o uso da História Oral e de Vida e no que delas se afasta a que acaba de escrever: "De onde nos afastamos radicalmente de Thomas é quanto ao seu critério de dever-se compreender o passado pelo presente. Não que o inverso nos pareça ser exatamente o certo. Mas por não nos parecer possível separar-se sociologicamente o passado do presente, como contrários nítidos ou absolutos, quando o tempo é psicológica e socialmente composto de variáveis que se alteram conforme o ritmo em que os vivem, num vasto espaço-tempo social como o brasileiro, diferentes subgrupos."¹⁵

Assim, se não podemos dizer que Freyre tivesse visto a História Oral como a forma de estudar a História das pessoas comuns, não se pode negar que na abrangência de informações e biografias que organizou tentou construir uma História que incluísse a visão de "baixo", no sentido referido por Jim Sharpe.¹⁶ A tentativa do autor da *Introdução à História da sociedade patriarcal no Brasil* é ambiciosa. Ele buscou construir um painel imenso para abrigar a um só tempo aqueles que compunham a elite pós-colonial em vias de emburguesamento e as massas de escravos e libertos em vias de proletarianização. Tanto no caso dos senhores e comerciantes ouvidos, como no dos ex-escravos, mulheres e elementos da classe média, utilizou-se o autor de recursos aos quais nenhum historiador no Brasil, até então, tinha lançado mão de forma tão efetiva e criteriosa em termos metodológicos.

Evidentemente, diante do que se busca fazer hoje, as entrevistas em *Ordem & Progresso* são, sob vários aspectos, limitadas. Elas não são claramente identificadas no correr do texto e no fundamento de algumas afirmações do autor, conquanto o Índice Biográfico inserido

¹⁵FREYRE, Gilberto. *op.cit.* XXXIX.

¹⁶SHARPE, Jim. A História vista de baixo. In: *A escrita da História*. Org. Peter Burke. São Paulo: UNESP, 1993.

no início do livro seja sugestão não só esclarecedora, mas também indicativa a outros que se aventurem a tão complexa tarefa. O fato em si de não serem as entrevistas gravadas e sim tomadas pessoalmente ou por correspondência permite inferir que várias imprecisões devem permeá-las, decorrentes, basicamente, da perda de informações que se obtêm no ato mesmo da entrevista, como reações dos entrevistados a determinadas perguntas. Mas não escapou a Freyre a importância destas reações e tanto assim que refere algumas: "Assim Getúlio Vargas, solicitado por nós, em 1940, em Petrópolis, a responder ao nosso inquérito, observou maliciosamente, depois de o ler, a princípio com um meio-sorriso, de certa altura em diante sério e concentrado: 'Este inquérito descobre qualquer um. E eu não sou homem que se descubra, mas que deve ser descoberto.'" E do mesmo modo Monteiro Lobato, que inclusive escreveu ao autor afirmando que ele não conseguiria seu intento.¹⁷ Entendem-se as reações adversas, ainda mais se se considera que o que pretendia Freyre era algo incomum no meio acanhado que era o brasileiro em se tratando de estudos pormenorizados de indivíduos.

Mas não só nos depoimentos se deteve Freyre, seguindo por caminhos citados anos mais tarde por Thompson como fundamentais para a construção da História do homem comum: "Além desses depoimentos autobiográficos, em número de quase 300 [devem-se somar os tomados pessoalmente pelo autor], foi considerável o número de outros documentos pessoais e virgens, de que nos servimos na elaboração do ensaio que se segue: cartas, entre as quais algumas inéditas e interessantíssimas, de Aluisio Azevedo a Francisco Guimarães; a correspondência, também inédita e interessantíssima, de Emílio Cardoso Ayres com sua Mãe, Dona Emília de Melo Vieira Cardoso Ayres (...) cartas e postais (...) de brasileiros residentes no Rio de Janeiro a parentes deixados na província, o diário manuscrito de Jerônimo Teles Junior; o diário manuscrito de um engenheiro inglês a serviço da *Great Western* (...) escrituras de escravos; inventários; testamentos; numerosas contas de fornecedores de gêneros (...); álbuns de família; (...) livros manuscritos de cozinha ou de doces."¹⁸

¹⁷ FREYRE, Gilberto. *op.cit.* p. XLI.

¹⁸ FREYRE, Gilberto. *op.cit.* p. XXVIII e XXIX.
THOMPSON, Paul. *op.cit.* p. 23.

CONCLUSÃO

Parece claro que um estudo mais detido de *Ordem & Progresso* poderá levar a esclarecimentos sugestivos sobre a História Oral na construção de grandes painéis-síntese da História do Brasil, o que não foi efetivamente realizado ainda.

O véu discriminatório que permanece envolvendo a obra de Freyre tem impedido que se leve seriamente em consideração a sua produção no meios acadêmicos do centro-sul do Brasil, principalmente a partir dos anos '50. Estudos como o de Ricardo Benzaquén de Araújo, recentemente lançado e já premiado, vem mostrar que a reavaliação da obra de Freyre poderá ser bastante útil ao desenvolvimento das chamadas ciências humanas no país.¹⁹

E útil, particularmente, no que concerne aos avanços que vêm sendo empreendidos no Brasil no campo da História Oral, avanços que têm requerido constante repensar técnico e mesmo filosófico por parte daqueles que a ela se dedicam.²⁰

¹⁹ ARAÚJO, R. B. *Guerra e Paz, Casa-Grande & Senzala e a obra de Freyre nos anos '30*. Rio: Editora 34, 1994.

²⁰ A Universidade Federal de Pernambuco conta com um dos maiores especialistas brasileiros no campo da História Oral, o professor Antônio Montenegro, e com um centro de estudos sobre o tema. Assim também o Centro de História do Brasil Rodrigo Mello Franco de Andrade (CEHIBRA) do Instituto de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), dirigido pelo Professor Manuel Correia de Andrade. O CEHIBRA é, hoje, dos mais ricos e variados depositários de entrevistas e depoimentos sobre a História recente do país, superado, apenas e talvez, pelo CPDOC da Fundação Getúlio Vargas.

